

**A LITERATURA INFANTIL E O PROTAGONISMO
DAS CRIANÇAS: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Marcela Pessoa Marques Ramalho (SEDUC-AI)
marcellapessoa02@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho consiste em um estudo sobre a importância da literatura infantil no desenvolvimento da criança como protagonista, sujeito ativo e autônomo, capaz de compreender e transformar o mundo que ela está inserida. Por muito tempo a criança era vista apenas como assimiladora, mas, nunca como produtora de sua própria história. Nesse sentido, apoiando-se na perspectiva da sociologia da infância, estudiosos começaram a considerar esses seres potentes e atuantes, capazes de ir além do que lhes é apresentado, traçando uma nova história com o devido reconhecimento de protagonista. Partindo dessa ótica, o objetivo deste estudo é compreender como as experiências de leitura e dramatização realizadas durante o estágio de educação infantil, contribuíram para o protagonismo das crianças. Os dados foram produzidos no Centro Municipal de Educação Infantil Monsenhor Luiz Barbosa, a partir das experiências de estágio desenvolvidas com as crianças do agrupamento etário denominado Maternal II B (03 e 04 anos de idade). Por meio de fotografias e registros escritos foi aberto discussões e análises que evidenciaram os momentos lúdicos compartilhados a partir do universo encantado da literatura infantil, em que as crianças tiveram a oportunidade de participar como protagonista de todo o processo, vivenciando o imaginário e projetando olhares deslumbrantes diante desse mundo encantado no qual elas são os autores principais.

Palavras-chave:

Crianças. Literatura Infantil. Práticas educativas.

ABSTRACT

The present work consists of a study on the importance of children's literature in the child's development as a protagonist, active and autonomous subject, capable of understanding and transforming the world in which he is inserted. For a long time, the child was seen only as an assimilator, but never as a producer of his own history. In this sense, based on the perspective of the sociology of childhood, scholars define to consider these powerful and active beings, capable of going beyond what is presented to them, tracing a new history with the due recognition of protagonist. From this perspective, the objective of this study is to understand how the experience of reading and dramatization explored during the stage of early childhood education, contributed to the protagonism of children. The data were produced at the Monsenhor Luiz Barbosa Municipal Center for Early Childhood Education, based on internship experiences developed with children in the age group called Maternal II B (03 and 04 years old). Through photographs and written records, we weave discussions and analyzes that showed the playful moments shared from the enchanted universe of children's literature, in which children had the opportunity to participate as the protagonist of the whole process, experiencing the

imaginary and projecting stunning looks before of this enchanted world in which they are the main authors.

Keywords:

Children. Children's literature. Educational practices.

1. Introdução

O estágio supervisionado oportuniza o estudante a conhecer o universo da docência para além das concepções estudadas em sala, através do contato com a instituição de ensino, tendo como suporte a supervisão do professor e acompanhamento em todo o processo de construção. Nesse sentido:

O estágio dos cursos de formação de professores compete possibilitar que os futuros docentes compreendam a complexidade das práticas institucionais e das ações aí praticadas por seus profissionais como alternativa no preparo para sua inserção profissional. (Pimenta, 2017, p. 35)

Diante disso, compreende-se que o estágio constitui, um tempo de aprendizagem, autoconhecimento, pois é o tempo ideal para errar, aprender, ouvir, reavaliar, corrigir, reescrever, para que diante desse processo o estagiário passe a construir sua identidade profissional, mediante as experiências vividas.

Na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), houve um marco muito importante para a graduação do curso de Pedagogia, com a reforma do curso que entrou em vigor em 2006, que incluiu a disciplina de Estágio Supervisionado como obrigatoriedade para Educação Infantil. Tal fato assegurou que a experiência de cada aluno presente no curso fosse a mais enriquecedora possível, dando oportunidade para uma vivência prática importante. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Maceió (2015), as escolas que tiveram a presença de estagiários de Pedagogia da UFAL ganharam destaques positivos com projetos muito significativos, que beneficiaram as escolas e a própria universidade.

E foi diante da experiência de estágio supervisionado em educação infantil da Universidade Federal de Alagoas no período letivo 2019.2 que tive a oportunidade de trabalhar a literatura infantil, tema escolhido através do interesse das crianças da turma do Maternal II B, do Centro Municipal de Educação Infantil Monsenhor Luís Barbosa, localizado em Maceió/AL, contexto no qual foi realizado o estágio em educação infan-

til. Mediante a isso, durante todo o processo nos foi concebido um aprendizado que mudou o meu olhar completamente sobre a criança.

Nesse sentido, “adentrar em seu mundo e deixar-se conduzir pelos caminhos que a própria criança trilha é respeitar seu tempo de criança” (Haddad; Mendonça, 2015 p. 40). Esta é uma das contribuições indispensáveis para o desenvolvimento do trabalho com as crianças e somente nos apropriamos desta visão a partir da observação, conhecimento da teoria e a vivência da prática.

Através dessa perspectiva, o presente estudo pretende compreender como as experiências que envolvem a leitura e a dramatização contribuíram para o protagonismo da criança. Guiando-se pela seguinte problemática: Qual a importância da literatura para o espaço da educação infantil e como a criança se relaciona com esse amplo campo através de sua forma de ver o mundo?

A percepção de criança que durante todo o estágio foi desenvolvida é de uma criança ativa, social, que tem o direito de brincar e de se expressar, a mesma concepção que se encontra nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (Brasil, 2010).

Os dados que serão apresentados e discutidos partem do relatório de atividades realizadas durante o Estágio Supervisionado em Educação Infantil da Universidade Federal de Alagoas, desenvolvido no período letivo 2019.2. As práticas educativas foram planejadas e desenvolvidas com a finalidade de compreender, enxergar e adentrar no universo daqueles pequenos. Para isso foi de fundamental importância a utilização dos registros durante todo o processo do trabalho, sendo elas por fotos, anotações diárias de nossas experiências e claro o meu próprio olhar.

Por fim, o referido artigo está estruturado em cinco seções: 1) Introdução; 2) Revisão teórica, 3) Metodologia; 4) Discussão dos dados e 5) Considerações finais.

2. *Literatura infantil: por entre palavras descobertas e fantasias de um universo para as crianças*

Antes de adentrar na história da literatura infantil é importante falar sobre a perspectiva de criança e infância, pois, ambas as histórias estão entrelaçadas. Na antiguidade e durante a idade média a criança era

tratada apenas como uma miniatura do homem, que só atingiria as suas potencialidades quando se tornasse adulto.

Segundo Fagundes e Pereira (2018) a partir do século XVII, começou a haver mudanças relevantes e um novo olhar para a criança sendo esta reconhecida por sua singularidade. E é nesse contexto de mudança na perspectiva da infância e da criança que começam a surgir os primeiros livros infantis, na qual no século XVIII irão ter um maior destaque.

A origem do termo literatura infantil, de acordo com Filho (2019), vem desde a segunda metade do século XVIII, na qual se tratava de obras com contos de fadas adaptados da época para crianças. Já nesse tempo se pensava nos livros como uma forma de transmitir valores e aprendizados para o público infantil. O autor também cita a segunda metade do século XIX como muito importante, pois a sociedade vivenciou uma evolução significativa na pedagogia e psicologia, avançando os estudos que tocam a infância como prioridade.

No Brasil, a literatura infantil se predominou junto com a urbanização acelerada, como expõem Marinheiro, Moura e Peres (2012). Os autores afirmam também que essa urbanização enriqueceu o crescimento cultural do país e trouxe mais oportunidades de emprego, o que diretamente fez com que o consumo por parte das crianças se tornasse bastante relevante para o mercado. O país viu nos consumidores infantis uma oportunidade de lucro bem significativa. Tal fato fez com que as questões da escola se tornassem essenciais e ganhassem um protagonismo nas pesquisas da época.

Nesse contexto, a literatura infantil surge no Brasil como um mecanismo de lucro cultural, já que até então as únicas obras eram estrangeiras e a demanda nacional se viu mais importante do que nunca. Porém, essas obras se viam muito distantes da figura da criança em si, e criavam uma ideia deturpada e estereotipada como afirmam Zilbermann e Lajolo (1986, p. 34): “Via de regra, a imagem da criança presente em textos desta época é estereotipada, quer como virtuosa de comportamento exemplar, quer como negligente e cruel.”, formulando uma dualidade no modo como enxergavam a infância.

De acordo com Marinheiro, Moura e Peres (2012): “Nesta época, pouco se escrevia para as crianças e as poucas obras que havia eram distantes da criança, pois, se valorizava a literatura ideológica para crianças.”. O termo “literatura ideológica” usada nesse trecho diz respeito ao uso da literatura como mecanismo de inserir a criança numa ideia de patriotismo

político, tirando a criatividade e educação dos leitores infantis do foco, fazendo então com que essas leituras não condissessem com a expectativa que se deve ter para um leitor nessa faixa etária.

Porém, após o surgimento de autores de literatura infantil com um diferencial, principalmente Monteiro Lobato no início do século XX, se desperta a importância de colocar os pequenos leitores como foco principal dessas obras, começa-se a pensar na qualidade que esses livros devem ter e quais os efeitos devem afetar as crianças, assim afirma Nelly Novaes Coelho (1991): “A Monteiro Lobato coube fortuna de ser, na área da literatura infantil e juvenil, o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje...” (Coelho, p. 225).

Os autores começaram a ter que pensar com responsabilidade sobre como escrevem, levando a criança ao centro da preocupação e levando seus gostos e exigências com seriedade, já que a literatura infantil nunca foi um gênero menos importante e não deve ser tratado como tal. Como expõe Zilberman (2005):

Um bom livro é aquele que agrada, não importando se foi escrito para crianças ou adultos, homens ou mulheres, brasileiros ou estrangeiros. E ao livro que agrada se costuma voltar, lendo-o de novo, no todo ou em parte, retornando de preferência àqueles trechos que provocaram prazer particular (Zilberman, 2005, p. 09)

É então nesse processo de se encontrar com a literatura infantil, que segundo os autores Fagundes e Pereira (2018), a literatura infantil brasileira começa de fato a surgir com a obra revolucionária de José Bento Monteiro Lobato (1882–1948). Dando início a uma era de grandes escritores do gênero como: Ruth Rocha e Marina Colasanti, tornando de fato as obras genuinamente brasileiras. Atualmente, o Brasil se encontra com um grande acervo de livros literários infantis, com diversos autores brasileiros que contribuem bastante para apresentar a cultura do país.

3. A importância da literatura infantil para a criança

A literatura infantil carrega em si uma grande importância na formação de um indivíduo, pois, marca momentos na vida da criança. De acordo com Zilberman (2005), os livros apresentados na infância acabam eternizados na lembrança do adolescente e do adulto, resultando em momentos marcantes aos quais as pessoas podem reviver o quanto quiserem, ou seja, a leitura leva a criança a fundamentos que servirá para o resto de sua vida, contribuindo para o seu desenvolvimento.

Segundo Ghizani e Bonfim (2019), quando a criança é inserida nesse meio de ficção trazido pela literatura, ela tem a oportunidade de criar seus próprios conceitos e questionar as ideias trazidas nas histórias. A criança consegue indagar coisas novas, criando novas perspectivas e aperfeiçoando suas ideias, ou seja, “a literatura produz um efeito emancipatório” e por conta disso é crucial para o espaço escolar.

Vignardi e Domingues (2012), falam sobre a primeira meta que devemos ter antes de trabalhar a literatura infantil, e segundo as autoras é preciso verificar qual é o interesse das crianças. Este interesse é possível identificar através das curiosidades delas, do cotidiano, nos momentos de brincadeiras e interações e é nessa junção de momentos que podemos pensar nos contos, histórias, fábulas, e demais produções literárias que podemos trabalhar junto com as crianças, até aonde podemos chegar, já que trabalhando um determinado assunto, podemos ser levados a outros.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2010) é papel da educação infantil proporcionar esses momentos de acesso aos repertórios da linguagem oral e escrita, trabalhando com a diversidade dos gêneros textuais, possibilitando desenvolver nas crianças o diálogo através de seus conhecimentos prévios e ampliando seus repertórios a partir de novos elementos apresentados por meio da literatura infantil.

É de grande importância trabalhar com a criança de forma criativa e diferenciada as narrativas do universo literário, mesmo sendo elas de diferentes gêneros, cabe a nós docentes estarmos atentos para não deixar que algo tão importante como é a leitura acabe perdendo o seu valor. A esse respeito, em um de seus relatos, Vignardi e Domingues (2012) dizem:

Essas variações, com criatividade e ousadia, mostraram-nos que as crianças se concentravam ainda mais nos momentos de história e experimentavam um prazer inigualável. Descobrimos, então que este deve ser o principal objetivo e a possibilidade de viajar no encanto dos enredos (Vignardi e Domingues, 2012, p. 166)

Diante disso, observamos que as autoras compartilham que esse encantamento de contar histórias no trabalho da educação infantil, parte da observação do cotidiano das crianças que são fascinadas e atraídas pelas criações de personagens que suscitam nelas possibilidades de viver aventuras em suas brincadeiras de trocas de papéis, onde são levadas ao imaginário dos desafios, fantasias e encantamentos, fomentando euforia,

entre outras emoções que são protagonizadas na “vida real” pelas próprias crianças em seu contexto.

Como menciona Magdaleno (2012, p. 85), “o faz de conta era evidentemente, o motor das brincadeiras. Bruxas, lobos, fadas, palhaços habitavam o cotidiano das crianças. Feitiços, magias e “contatos imediatos” podiam mobilizá-los a qualquer hora”.

As crianças em sua capacidade de imaginar e criar são autênticas nos seus planejamentos de ações, elas são interdependentes, protagonistas ativas no processo de desenvolvimento e aprendizagem. Segundo Vygotsky (1999, p. 117) “o bom aprendizado é somente aquele que se adianta ao desenvolvimento”. Para ele existe uma ação mútua, entre aprendizagem e desenvolvimento mental, e ainda ressalta que para as crianças, a sua aprendizagem acontece em meio às trocas culturais que vivenciam, bem antes de ingressar na escola, quando chega ao mundo.

O trabalho pedagógico com a literatura na educação infantil, a possibilidade de imaginar e ingressar no faz de conta, precisa ser visto como uma experiência envolta de prazer, pois, por meio da leitura é possível conhecer outros universos, outras culturas e quando nos permitimos embarcar nessa viagem, nunca mais voltamos a sermos os mesmos, pois, a leitura abre as janelas da nossa mente e da nossa imaginação.

4. *Experiências que transformam: um olhar para o protagonismo das crianças nas experiências com literatura infantil*

Essa seção apresenta o levantamento dos dados adquiridos através das experiências desenvolvidas no estágio supervisionado em Educação Infantil do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Universidade Federal de Alagoas. Através dessas sessões foram abordados aspectos que permeiam compreender como as experiências que envolveram a leitura e dramatização desenvolvidas no referido estágio contribuíram para o protagonismo das crianças.

A seguir serão discutidos os dados produzidos em quatro sessões de experiências desenvolvidas junto às crianças do Maternal II B, entre os dias 27/11/2019 a 05/12/2019.

2ª Sessão – Data de registro: 27 de novembro de 2019

Objetivo: Desenvolver a imaginação ao explorar as narrativas e personagens das histórias. Explorar as expressões das crianças, respeitando seus saberes e conhecimentos.

Descrição: Dramatização do conto da Chapeuzinho Vermelho com foco no lobo, roda de conversa e representação do conto através do desenho.

Figuras 01 e 02: Dramatização da história “Chapeuzinho Vermelho”.



Fonte: A autora, 2019.



Fonte: A autora, 2019.

Na segunda sessão, ocorrida no dia 27 de novembro, iniciamos a experiência na sala de referência com as crianças, apresentando nossa temática sobre contos clássicos da literatura infantil, com enfoque nas variações e possibilidades existentes nas diferentes narrativas. Apresentamos o tema a partir da dramatização do conto clássico “Chapeuzinho Vermelho”, trazendo uma narrativa clara e divertida onde as crianças se envolveram e participaram da dramatização junto com as estagiárias, respondendo as perguntas que nós vestidas dos personagens fizemos:

- Vocês conhecem esse lobo? (Estagiárias)
- Sim! Risos (Crianças)
- Não conta pra Chapeuzinho que eu me escondi aqui nessa roupa da vovó, ouviu crianças? (Estagiária vestida de lobo)
- O lobo está escondido ali (uma pausa, e mais risos das crianças); (Fala das crianças).

Diante das falas das crianças de exporem o que estavam achando, sobre a história podemos destacar que essa é uma concepção central acerca da criança que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) propõem visando uma educação em que as crianças sejam ativas e protagonistas em todo processo. Sempre, pensando na criança protagonista, como sujeito de direitos e singularidades que precisam ser vistas como prioridade, buscando que elas convivam consigo mesma, com os outros de tal modo que ganhem confiança e autonomia para se desen-

volverem como indivíduos e socialmente; crianças ativas que buscam respostas e também trazem soluções para as questões.

Quando caminhamos nessa perspectiva de ver as crianças como parceiras nas ações educativas, conseguimos ter a sensibilidade de avaliar com mais conhecimento as necessidades e interesses das crianças. Segundo as autoras Vignardi e Domingues (2012), é preciso traçar um olhar mais atencioso para o que realmente interessa a criança, visto que a criatividade e a ousadia do leitor infantil são essenciais para uma experiência única, na qual passam a ser compartilhada através de uma ação, uma fala, gesto ou expressão o que ela tem aprendido ou necessitado aprender, e até mesmo abre espaço para que as crianças tomem suas próprias conclusões, criando sua versão na história entre outras situações.

Após, essa dramatização, vivenciamos uma roda de conversa com as crianças para compreender o que elas já conheciam da história. As crianças trouxeram colocações muito ricas e deixaram a imaginação livre. Um ponto importante foi que durante a semana a professora Rosângela tinha trabalhado com eles o conto dos três porquinhos, que também apresenta o personagem do lobo como vilão e durante a socialização que tivemos com eles as crianças trouxeram os personagens dos três porquinhos para nossa roda de conversa.

Depois dessa socialização pedimos para as crianças desenharem os personagens da história, algumas crianças como o Matheus, quis desenhar os *Minions*, fazendo menção a um personagem de outro desenho de origem midiática, já o João Victor, durante a elaboração do seu desenho nos falou: “O meu Lobo Mau não mora na floresta, mora na lua!”.

Nesse momento da fala do João, todos rimos e finalizamos essa sessão com uma reflexão: A imaginação de uma criança pode ir tão longe, não é mesmo? Como é rico o modo de ver o mundo através dos olhos de uma criança, nunca pensamos nessa possibilidade e percebemos nesse momento que o relato, a criação para novas versões já estava presente na mente daquelas crianças, só que ao apresentarmos o conto de modo divertido como brincadeira adequada à linguagem delas desencadeou a liberdade para elas usarem a imaginação como menciona Wajskop (1995 *apud* Magdaleno (2012):

É preciso ampliar o repertório da brincadeira. O desenho e a história também são lugar de brincadeira, pois por meio do enredo e dos personagens, a criança pode fantasiar e imaginar ser ela na história e/ou desenho, brincar de ser, e isso é central para o desenvolvimento do pensamento (Wajskop, 1995 *apud* Magdaleno, 2012, p. 90)

E no meio dessas imaginações das crianças percebemos que esse processo se dá mediante essas mediações onde sua infância é respeitada, para que assim se desenvolva integralmente aquilo que a criança aprende, por meio do brincar ela guarda e constrói seus pensamentos, pois realmente aprendeu.

Figuras 03 e 04: Desenho do matheus (*minions*) e maísa e seu desenho da chapeuzinho.



Fonte: A autora, 2019.

Figura 05: Givanildo e o seu lobo mau.



Fonte: A autora, 2019.

Foi observado que as crianças estabeleceram relações de interesse com os personagens. Maísa, por exemplo, ficou encantada com a personagem Chapeuzinho Vermelho, pois no momento de elaboração dos desenhos enfatizou a personagem. O lobo e o caçador concentraram atenção das crianças. O lobo, pela aventura e bravura do animal que elaborou o plano para enganar Chapeuzinho e sua vovó e o caçador que foi encenado pela professora da turma (Rosângela) capturou o lobo. Levantamos a hipótese que talvez o fato de a Rosângela ter encenado o caçador, possa também ter contribuído para a grande admiração pelo “heroísmo” do caçador ao prender o lobo mau.

3ª Sessão – Data de registro: 28 de novembro de 2019.

Objetivo: Conhecer versões diferentes de uma mesma história.

Descrição: Leitura do conto da Chapeuzinho Vermelho, versão que traz o destaque para a narrativa construída pelo lobo e a confecção de palitoches.

Esta sessão teve como foco principal trabalhar o livro: “Na verdade, Chapeuzinho Vermelho estava estragada!”, autoria de Trisha Speed Shaskan. É importante ressaltar que antes da leitura fizemos uma recapitulação da sessão anterior, por ter algumas crianças que faltaram no dia e também, para lembrar a aquelas que estavam na sessão anterior o que tinha se passado e assim dá a elas o sentido de continuação do projeto.

Figura 06: Estagiária Adriana lendo a história.



Fonte: A autora, 2019.

Após a leitura do livro, com uma nova narrativa da história da Chapeuzinho Vermelho, tivemos um momento de socialização em uma roda de conversa junto com as crianças na qual perguntamos o que elas entenderam da história, o que elas acharam do lobo entre outros pontos. É interessante, que as crianças continuaram achando o lobo mau, pois apesar de apresentar uma narrativa onde o lobo tenta convencer o leitor que só devorou a Chapeuzinho e sua avó porque as confundiu com maçãs, ele não deixou de cometer um ato contestável, nesse sentido não mudou o ponto de vista das crianças sob a percepção de maldade do lobo.

Figura 07: Roda de conversa com as crianças.



Fonte: A autora, 2019.

A estagiária Adriana começou fazendo perguntas sobre o que tinha acontecido durante a história e eles conseguiram socializar e opinar bem, recontando a história através de suas falas, dando destaque ao que tinham entendido. Vale lembrar que na concepção de Zilberman (2005), a boa leitura te regressa as boas memórias, as quais se internalizam com um significado especial para cada leitor. Com isso podemos observar que em alguns momentos as crianças acabavam juntando as duas histórias, podemos perceber isso na fala do João:

- Ai, o caçador chegou e matou o lobo (João).
- Mas nessa história tem caçador? (Estagiárias).
- Sim, ele mata o lobo (João).

Depois desse momento pegamos o livro e mostramos a eles os personagens que se apresentavam naquela versão e mesmo assim por recordarem da história anterior eles acrescentaram o personagem do caçador.

Outro ponto interessante foi o que eles falaram foi sobre a aparência das personagens da vovó e da Chapeuzinho com formato de maçã, na leitura tínhamos falado e ao socializar eles acabaram destacando esse detalhe principalmente a vovó.

- Ela tem formato de maçã... Risos. (Fala das crianças).
- Ela quem? (Estagiárias).
- A Chapeuzinho (João).
- A vovó é uma maçã verde (Matheus).

Após essa socialização, nós pegamos um livro da Chapeuzinho Vermelho, versão clássica, mostramos os personagens que faltaram na versão apresentada e passamos então para a segunda etapa da sessão, a produção dos fantoches.

Para a produção dos fantoches orientamos as crianças que elas deveriam desenhar o personagem ou os personagens que elas mais gostaram das duas histórias. No primeiro momento elas desenharam com o hidrocor e no segundo momento pintaram com a tinta guache, porém nesse caminho houve alguns contratemplos e acabamos colocando tinta demais para as crianças, fazendo com que no final da sessão os personagens que tinham desenhado ficassem quase irreconhecíveis até para eles mesmos.

Perguntamos a elas o que tinham pintado e colocamos o nome do personagem e o nome da criança. Um ponto interessante é que nessa parte da sessão as crianças colocaram personagens que nem estavam na história, um exemplo foi os *Minions* do desenho “Meu Malvado favorito”,

também teve escada e até caminhão. Sabemos que a criatividade das crianças vai longe, não sabíamos se na próxima sessão os personagens continuariam os mesmos, já que percebemos em vários momentos que as opiniões das crianças mudavam, transformando suas obras de arte em outros personagens e até mesmo objetos. Segundo Coletto (2010),

A arte é importante na vida da criança, pois colabora para o seu desenvolvimento expressivo, para a construção de sua poética pessoal e para o desenvolvimento de sua criatividade, tornando-a um indivíduo mais sensível e que vê o mundo com outros olhos. Os seres humanos são dotados de criatividade e possuem a capacidade de aprender e de ensinar. A criatividade da criança precisa ser trabalhada e desenvolvida. (Coletto, 2010, p. 139)

Por isso, é importante trabalhar a arte nas mais diferentes formas, seja através da música, do teatro, da pintura, da escultura, entre outros. É importante que o docente perceba o quanto essas atividades contribuem no desenvolvimento da criança na educação infantil, para o seu protagonismo, exposto por suas expressões artísticas. O processo de aprender deve ser divertido, tranquilo e natural e a arte é um dos meios para isso.

Figuras 08 e 09: Desenhos para criação dos fantoches/fantoches produzidos.



Fonte: A autora, 2019.

As produções acabaram saindo diferente do que imaginamos e entendemos que isso é normal, pois, estamos condicionadas a visão adulta e não a concepção da imaginação das crianças em si. Segundo Coletto (2010):

A criança valoriza mais o material que está utilizando, o processo, do que o resultado final. Ao se expressar de forma gráfica faz vários rabiscos, livremente, faz traços horizontais, verticais e inclinados até perceber que pode utilizar a linha curva para construir círculos de tamanhos diferentes. Por mais que para os adultos esses rabiscos não possuam significado algum, devem ser estimulados. A criança deve ser encorajada a garatujar, pois esses traços são o início de sua expressão gráfica e, posteriormente, a levarão até a escrita (Coletto, 2010, p. 140)

É importante percebermos a criança como ser ativo, criativo e social que ela é. Simples traços, desenhos sem formas são de grande importância e fazem parte do desenvolvimento infantil. Cabe a nós futuras pedagogas desenvolver durante a nossa formação esse olhar sensível que consiga compreender e respeitar a importância de cada fase do desenvolvimento da criança.

4ª Sessão – Data de registro: 05 de dezembro de 2019.

Objetivo: Reelaborar por meio de expressões orais e dramatizações as narrativas do conto “Chapeuzinho Vermelho”.

Descrição: Reconto: “Chapeuzinho Vermelho”.

Figura 10: Crianças no teatro de fantoches.



Fonte: A autora, 2019.

Neste dia, iniciamos a quarta sessão do nosso projeto de estágio “Uma viagem ao mundo encantado dos contos clássicos”. Compareceram apenas três crianças: O Matheus, o João Victor e a Isabela. Nessa sessão foi feito o reconto da história da Chapeuzinho Vermelho pelas crianças, com o objetivo de uma reelaboração da história por meio dos palitoches (que foram confeccionados pelas próprias crianças na sessão anterior).

Com o cenário do teatro posto na sala de referência, começamos a demonstrar nossa curiosidade com relação ao conto. Com muito entusiasmo as crianças começaram a nos falar sobre todos os personagens que a história agregava, então a partir daí perguntamos se alguém queria nos contar essa história através da utilização dos palitoches, e prontamente a Isabela (a única menina que veio nesse dia) se prontificou toda animada, ela fez a utilização dos palitoches de todos os colegas.

Algumas das pinturas a Isabela não reconheceu qual personagem seria, então fez sua própria interpretação de cada figura, sendo interrompida algumas vezes, quando os meninos reconheciam seus próprios desenhos. Isabela por diversas vezes demonstrava que a Chapeuzinho Verme-

lho estava em apuros, e quem a salvava era um homem com uma jaqueta preta e com um chapéu na cabeça (o caçador).

Borba (2009) explana sobre o comportamento das crianças em relação à criatividade e protagonismo durante o brincar:

O brincar abre para a criança múltiplas janelas de interpretação, compreensão e ação sobre a realidade. Nele, as coisas podem ser outras, o mundo vira do avesso, de ponta-cabeça, permitindo à criança descolar-se da realidade imediata e transitar por outros tempos e lugares, inventar e realizar ações/interações com a ajuda de gestos, expressões e palavras, ser autora de suas e histórias e ser outros, muitos outros: pai, mãe, cavaleiro, bruxo, fada, príncipe, sapo, cachorro, trem, condutor, guerreiro, super-herói... (Borba, 2009, p. 70)

As crianças preencheram a brincadeira com criatividade e protagonismo, criando um espetáculo utilizando como maior ferramenta a criatividade. Um pequeno estímulo do poder de criação de uma criança é o suficiente para criarem histórias e interpretarem as situações da forma que bem entenderem, proporcionando arte e aprendizado.

Figura 11: Isabela apresentando a história.



Fonte: As autoras, 2019.

Quando a Isabela terminou sua história, tivemos o desafio de fazer com que os dois únicos meninos participassem dessa reelaboração do conto (por conta da timidez), lembrando que nesse dia, das oito crianças que a turma tem; somente três compareceram, Isabela, João Victor e Matheus. Apesar da turma está bem reduzida, foram superadas todas as nossas perspectivas, pois com o convite que fizemos aos meninos depois do término da atuação de Isabela, para fazerem sua própria história através daqueles desenhos quase sem visibilidades, pudemos presenciar e se envolver num mundo totalmente encantado dessas crianças.

Para conseguir fazer com que o João Victor e Matheus participassem desse momento a professora Rosângela, teve a ideia de levar eles até

o teatro de fantoche e participar junto com eles (no início), então de imediato os dois meninos apresentaram juntos, e isso fez toda diferença, eles começaram a interagir entre si e reescreveram uma nova história da Chapeuzinho Vermelho. Surgindo a história da Chapeuzinho Colorida (nome esse dado pelo Victor) na qual nos deixou muito contentes e surpreendidas, pois, como dito no relato anterior por termos disponibilizado bastante tinta, as crianças acabaram cobrindo por completo os seus desenhos, deixando-os sem formas.

Ao inserir a criança na ficção como Ghizani e Bonfim (2019), explicam, ela tem a oportunidade de criar novos conceitos, criando novas perspectivas como ocorreu nesse momento da sessão na qual, além da Chapeuzinho Colorida, o João Victor também criou dois lobos (um bom e um mau), onde o bonzinho matava o mau.

Figura 12: João e Matheus apresentando os palitoches.



Fonte: A autora, 2019.

Com a imaginação fluida a todo vapor, na história tinham duas Chapeuzinhos a Colorida e a Vermelha, as quais eram amigas. Juntos colocaram a vovozinha, mas esta era corajosa e teve a audácia de lutar contra o lobo, porém, em seu momento de fragilidade, na luta contra o lobo mau a vovozinha acaba morrendo, pois, segundo João, a vovozinha não poderia ganhar do lobo, porque era velhinha; as crianças justificaram a luta da vovó com o lobo para defender a Chapeuzinho Colorida. Resolvemos perguntar-lhes porque o nome de Chapeuzinho Colorida, a resposta veio do João, “as pinturas são todas coloridas, e não só a cor vermelha”, ele tinha razão, realmente os palitoches estavam totalmente coloridos.

É importante para a criança ter liberdade para criar nas brincadeiras autonomamente, como diz Borba (2009):

No brincar, as crianças vão também se constituindo como agentes de sua experiência social, organizando com autonomia suas ações e interações, elaborando planos e formas de ações conjuntas, criando regras de convivência social e de participação nas brincadeiras. (Borba, 2009, p. 71)

A criança começa a perceber nessas brincadeiras seu poder de criação, como usar sua criatividade para brincadeiras e também para sua vida social, levando às brincadeiras um teor sócio educacional também.

Depois de toda criação através da oralidade e dramatização das crianças com a elaboração dos palitoques criados pelos os próprios, e uma reelaboração de um conto que não será mais o mesmo para essas crianças, tivemos a certeza que terão a liberdade de fazerem seus próprios contos, partindo do seu próprio mundo da imaginação.

Como sabemos que a música também nos transporta para o mundo da imaginação, então resolvemos finalizar essa sessão com um momento musical, e foi nessa musicalidade que as três crianças se juntaram a nós expressando suas alegrias através de movimentos corporais, através da música: “Pela estrada a fora”, do autor Braguinha.

5ª Sessão – Data de registro: 05 de dezembro de 2019.

Objetivo: Construir e se apropriar dos contextos socioculturais vivenciados na história de Chapeuzinho Vermelho, assimilar papéis sociais.

Descrição: Passeio na floresta e faz de conta: e exploração dos elementos da natureza na produção de comidinhas.

Como podemos imaginar, o estágio às vezes pode ter alguns ajustes e a nossa quarta e quinta sessões foram desenvolvidas no mesmo dia, pois, no dia em que seria realizada a quarta sessão, a professora Rosângela não pôde comparecer à escola.

Fizemos a sessão quatro e após o lanche das crianças, a quinta sessão foi desenvolvida na área externa do CMEI, com o intuito de uma exploração dos elementos naturais para a produção de comidinhas que retratasse o conto da Chapeuzinho Vermelho, visto que após a nossa observação de todo o ambiente do CMEI ficou visível que seria um ótimo cenário para essa exploração, o qual nos proporcionou vários materiais, como: galhos baixos, folhas verdinhas, pedras e areias, então o ambiente tinha como trazer para as crianças uma viagem no contexto sociocultural que era vivenciado na história da Chapeuzinho Vermelho.

Mas, para enriquecer ainda mais esse ambiente e a produção das comidinhas, disponibilizamos alguns materiais que a instituição já tinha, como o fogão de papelão (que foi restaurado), panelinhas, pratos, caixinhas, garrafinhas vazias de iogurte palitos (simbolizando colheres), corda, carrinhos, mesa, cadeiras, entre outros elementos.

Figura 13: Crianças junto com a estagiária Adriana brincando de comidinha.



Fonte: A autora, 2019.

As crianças ao se deparar com espaço simbolizado como floresta, demonstraram alegria, e sem nenhuma timidez, foram logo explorando todo o espaço assim como também todos os materiais. Todos se envolveram com as brincadeiras, e viajaram em plena construção do faz de conta, onde cada um simbolizava da forma que quisesse suas comidinhas, utilizando folhas como arroz, pedras como feijão, areia como farinha.

- Vou fazer farofa para comer com feijão! (Matheus)
- Vou fazer uma comida melhor que você (Isabela)
- Todo mundo vai comer até encher a barriga. (Maísa)

As crianças eufóricas para a brincadeira foram logo convidando-nos para sentar à mesa e começaram a espalhar panelinhas no fogão e vários brinquedos na mesa. Matheus foi logo avisando que não poderíamos tocar nas panelas que estavam no fogão, pois estavam muito quentes, já o João pegou os carrinhos e falava que as comidinhas seriam entregues em cima do caminhão, o qual tinha encontrado em meio aos brinquedos, a Isabela pegou dois galhos, esfregando um no outro nos mostrou como poderia surgir o fogo através daquele ato, e começou a fazer a demonstração de como faria para acender a fogueira que a estagiária Alana tinha construído.

Esse processo de criação não surge do nada, mas sim emerge a partir das experiências que as crianças vivenciam. Como explica Borba (2009):

O processo psicológico da imaginação articula-se com a atividade criadora, ou seja, de produzir o novo recombinação elementos de realidade. A

imaginação e a fantasia não se criam do nada, mas sim de elementos tomados da presença presente e passada dos sujeitos. (Borba, 2009, p.74)

A criança usa da hora da brincadeira para exercer a criatividade e espelhar sua experiência social no que faz. Com uma apropriação de suas próprias vivências, as crianças foram elaborando cardápios que surgiam em suas mentes, onde na floresta da Chapeuzinho Vermelho tinha alimentos que a natureza proporcionava, como; frutas e legumes, mas que também existia *pizza*, *achocolatado*, *ketchup*, *sorvete* e vários outros alimentos que eles traziam da sua imaginação, apoiando-se no contexto sociocultural vivido.

Figuras 14 e 15: Fogão com as comidinhas /Isabela “fazendo” fogo com os galhos.



Fonte: A autora, 2019.

Nesse dia observamos que essas crianças são capazes de traçar sua própria história, processos de autoria, protagonismo, onde o faz de conta às transportava para um mundo imaginário em que as levavam-nas para um mundo distante de sua realidade, tornando essencial no meio educacional, como explana Borba (2009):

A compreensão da riqueza do processo de brincar para a formação das crianças implica concebê-las nas práticas pedagógicas cotidianas dos espaços de educação infantil como uma dimensão fundamental das interações que ali são estabelecidas entre adultos e crianças e crianças entre si, assim como do processo de construção de conhecimento e da experiência cultural. (Borba, 2009, p. 75)

A experiência social da criança está diretamente ligada às brincadeiras presentes em seu cotidiano, por isso é importante pensar em atividades produtivas que colaborem para o funcionamento da criatividade da criança, além de ensiná-las a como lidar com as interações sociais de uma forma natural e divertida.

Sabemos que a criança constrói conhecimento acerca do mundo, assim como também dos objetos e tudo que a cerca. De acordo com Vygotsky (1999), a partir do contato com outra pessoa, a potencialidade

do aprendiz é transformada em situações que ativam esquemas processuais cognitivos ou comportamentais, a interação e a aprendizagem da criança, promovem o processo de desenvolvimento, o qual vai transformando o real que antes era apenas potencial. Então nesta sessão pensamos em envolver as crianças numa interação com seus pares e o meio natural, para que elas pudessem com autonomia, potencializar sua criatividade e imaginação, e assim produzir novas experiências entrelaçadas ao seu protagonismo

Ao observar como as crianças sentiam alegria ao ar livre e com a exploração dos objetos não estruturados, tivemos uma mistura de encantamento e euforia, pois como nos foi feito o convite para fazer parte de toda a brincadeira (através das crianças), acabamos sendo transportadas para o mundo delas.

Ao longo das experiências desenvolvidas no estágio, compreendemos que estávamos ganhando um espaço segundo Corsaro (2005) de adulto atípico com a turma, pois antes elas ficavam bem tímidas com nossa presença se sentindo à vontade só com a professora da turma Rosângela, mas voltamos a sermos crianças com elas e conquistamos um espaço nas brincadeiras e demais experiências tecidas, elas nos proporcionaram momentos mágicos, vozes que enfatizavam o protagonismo, produções artísticas que exibiam seus sentimentos e pensamentos, brincadeiras de faz de conta onde conseguíamos enxergar feijão através de pedrinhas, farofa através de areia e imaginar uma pescaria com as folhas e galhos que caíram da árvore. A afetividade e protagonismo que permeou as interações e brincadeiras entre essas crianças nos trouxe uma significativa relação entre o mundo delas, transformou nosso olhar, o protagonismo das suas ações será lembrado por nós para toda a vida.

5. Considerações finais

As histórias e as atividades desenvolvidas neste trabalho foram prazerosas para as crianças envolvidas, trouxeram a oportunidade de enriquecer suas experiências infantis. As práticas educativas compartilhadas enfatizaram o desenvolvimento do protagonismo das crianças, através de um despertar imaginário, junto com o gosto pela apreciação da leitura de contos literários. Pois, compartilhar contos literários permitiu despertar e motivar a magia e a curiosidade das crianças.

Foi possível perceber que através da proposta, desenvolvida a partir de uma escuta sensível e com atividades variadas, sejam elas com a leitura, dramatização, produção de ilustrações, rodas de conversas, entre outras ações, pode-se ver o desenvolvimento das crianças e seus processos autorais, com destaque a autonomia de sua imaginação, dos seus sentimentos e de suas emoções assim, como também a contribuição para o desenvolvimento social.

Com a apresentação do conto clássico da Chapeuzinho Vermelho consta-se por meio das ações das crianças o grande fascínio na qual foram envolvidas. A cada sessão vimos o quão amplo era a autonomia daquelas crianças e a compreensão de mundo que elas tinham, sendo assim, tivemos uma reflexão significativa de tudo que foi vivenciado nesse projeto. Ao pensar, que a criança há alguns anos, (não tão distantes) era vista como um ser incompleto, hoje através de muitos estudos e das próprias experiências podemos dizer que ela em sua especificidade, é um sujeito capaz de modificar conceitos, produzir cultura, interferir no contexto em que se insere, sendo assim, um ator social, capaz de transformar, desconstruir e construir sua própria história, pois é protagonista nos espaços e tempos que vivencia cotidianamente.

Pude concluir, que ao longo de toda a trajetória de produções, o percurso foi extremamente gratificante, pois ao voltar para os registros senti novamente aquela sensação dos sentimentos se misturando. Em cada registro uma troca, um aprendizado, na qual percebi que por haver essa troca, por haver o respeito do espaço totalmente elaborado para aquelas crianças, nos foi permitido conhecer um pouco do mundo delas, experiência formativa que será lembrada para toda a vida. E através dessa experiência do estágio na educação infantil posso dizer que voltei naqueles momentos vividos a ser crianças com os pequenos do Maternal II B, ao conquistar um espaço nas suas brincadeiras, nos proporcionando um momento mágico.

A literatura infantil transporta adultos e crianças para uma viagem fascinante. Portanto, no projeto de estágio aqui relatado, as crianças nos conduziram para o fantástico mundo da imaginação, traçando caminhos de descobertas e compreensão de um mundo totalmente conduzido por elas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORBA, Angela Mayer. A brincadeira como experiência de cultura. In: CORSINO, P. (Org.). *Educação infantil: cotidiano e políticas*. Campinas, SP: Autores Associados 2009.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEB, 2010.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil*. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo europeias ao Brasil contemporâneo*. 4. ed. Ática, 1991.

COLETO, Daniela Cristina. A importância da arte para formação da criança. *Revista Conteúdo*, 2010.

FAGUNDES, Micaela Machado; PEREIRA, Rachel Freitas. *Como formar crianças leitoras? A importância da literatura infantil na perspectiva de professoras da educação infantil*.

UNIPAMPA/Jaguarão, 2018. Disponível em: <http://dspace.unipampa.edu.br/jspui/bitstream/rii/3347/1/MicaelaMachadoFagundes2018.pdf>.

FILHO, José Nicolau Gregorin. Literatura infantil/juvenil, sociedade e ensino. São Paulo. *Anais do 16º COLE*, 2019. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/prog_pdf/prog11_01a.pdf.

GHIZANI, Janaina Vianni; BONFIM, Lucília Maria Goulart de Andrade. A importância da literatura infantil na formação do leitor crítico. *Caderno Intersaberes*, v. 8 n. 16 – 2019. Disponível em: [file:///D:/Download/1274-2852-1-SM%20\(2\).pdf](file:///D:/Download/1274-2852-1-SM%20(2).pdf).

HADDAD, L.; MENDONÇA, L. M. M. S. ‘Não, não mate a bruxa! Ela é nossa amiguinha!’ Entrada, aceitação e participação na cultura de pares em uma experiência de estágio supervisionado em educação infantil. *POIÉSIS – Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação (Unisul)*, v. 9, p. 24-43, 2015.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. *Um Brasil para Crianças: Para conhecer a Literatura Infantil brasileira: Histórias, autores e textos*. São Paulo: Global, 1986.

MAGDALENO, Alessandra Barbosa. Por encanto, contando contos... histórias de um projeto de trabalho. In: OSTETTO, L.E. (Org.). *Encontros e Encantamentos na Educação Infantil*. 10. ed. Campinas-SP: Papyrus, 2012.

MARINHEIRO, Edwylson de Lima; MOURA, Simone Moreira de; PERES, Fabiana Costa. A literatura infantil na formação da identidade da criança. Londrina. *Revista eletrônica pró-docência*. UEL. Edição nº 1, v. 1, jan-jun. 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/prodocencia/fope>.

PIMENTA, Selma Garrido. *Estágio e docência*. São Paulo: Cortez, 2017.

RODRIGUES, Silvia Adriana; BORGES, Tammi Flavie Peres; SILVA, Anamaria Santana da. “Com olhos de criança”: a metodologia de pesquisa com crianças pequenas no cenário brasileiro. *Nuances: estudos sobre Educação*, Presidente Prudente-SP, v. 25, n. 2, p. 270-90, maio/ago. 2014.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. *Orientações curriculares para a educação infantil da rede municipal de Maceió*. Maceió: EDUFAL, 2015.

VIGNARDI, Cristiane, DOMINGUES, Mariza Hubert. Ouvindo e fazendo histórias. In: OSTETTO, L.E. (Org.). *Encontros e Encantamentos na Educação Infantil*. 10. ed. Campinas-SP: Papyrus, 2012.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.